



NOVAS SOLUÇÕES DE
MICROFINANCIAMENTO
PARA A INOVAÇÃO

JUNHO | 2014

MICROFINANCIAMENTO NO MUNDO



ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA
CCI - CÂMARA DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA

● MICROFINANCIAMENTO NO MUNDO

Nesta secção do estudo é feita uma descrição sucinta dos principais de instrumentos e ferramentas de apoio ao financiamento da inovação de pequenos negócios e projetos em cinco países distintos, Brasil, Estados Unidos da América, Espanha, Finlândia, França e Israel, evidenciando os aspetos críticos para o sucesso da sua implementação.

Pela relevância dos seus sistemas e pelos contactos diretos estabelecidos com parceiros locais que facilitaram o acesso a informação relevante sobre os instrumentos de microfinanciamento disponíveis e os seus impactos nas respetivas economias (através de uma visita e reuniões presenciais num caso e de reuniões à distância noutro), são desenvolvidos de forma mais detalhada os casos da Finlândia e da França.

● 1 | BRASIL

O Brasil é considerado há muitos anos uma referência a estudar e um excelente caso de “benchmark” no domínio do desenvolvimento do microfinanciamento e do apoio ao empreendedorismo.

Desde logo, porque as estruturas/organismos estatais brasileiros, nas esferas federal, estadual e municipal (como as secretarias de governo de estado do distrito federal, o próprio SEBRAE nacional), disponibilizam hoje em dia programas específicos de apoio ao financiamento de micro negócios e start-ups, para além de existir no país um conjunto de legislação que regulamenta as atividades de empreendedorismo e inovação no país, com boas práticas a nível municipal estadual e federal.

● Programa “Brasil+Competitivo”

Em maio de 2014, foi lançado no país o programa “Brasil+Competitivo”, uma iniciativa de fomento ao empreendedorismo, à competitividade empresarial e facilitação de acesso a capital privado de crescimento para PME, que envolve mais de 193 entidades, em modelo “pró-bono”, entre os quais 17 intermediários financeiros, 51 consultores, 12 auditores e 113 entidades e associações tais como confederações/federações empresariais (CNI, FIESP, FIEMG, FIEP, FecomercioSP, ACMinas, ACSP e CIC), centrais sindicais de trabalhadores (UGT e Força Sindical), entidades de fomento ao empreendedorismo e competitividade (como MBC - Movimento Brasil Competitivo, BRAiN, MBE - Movimento Brasil Eficiente, Grupo Attitude, CIETEC, Anjos do Brasil, AlampymeBR, ANCORD, ANEFAC, APIMEC, IBEF-SP, CONAJE, Frente Parlamentar do Empreendedorismo, e Rio Negócios), e parceiros de média como EXAME PME (Editora Abril), PEGN, Época NEGÓCIOS e Movimento Empreenda (Editora Globo).

Pretende o governo federal brasileiro que o programa “Brasil+Competitivo” seja uma iniciativa mobilizadora única, suprapartidária e mobilizadora da sociedade brasileira, liderada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), e que tem como objetivos estratégicos a atingir até 2020:



NOVAS SOLUÇÕES DE MICROFINANCIAMENTO PARA A INOVAÇÃO

- Captar mais de 84 mil milhões de reais de investimento privado produtivo na economia brasileira, em concreto para a inovação e empreendedorismo;
- Incrementar as exportações e gerar mais de 1,1 milhão de novos empregos formais no segmento de pequenas e médias empresas;
- Incrementar em 5,8 mil milhões de reais de ganho líquido em impostos (único instrumento de viabilização do programa, sem qualquer incremento do orçamento geral do país), associado apenas ao incremento previsto do investimento e das receitas das empresas, para além das receitas da segurança social do país) em mais de 6,8 mil milhões de reais, decorrente dos novos empregos gerados pelo impacto do programa;
- Dinamizar cadeias produtivas, através do empreendedorismo e sem focalizar os apoios a segmentos industriais/agrícolas ou regiões específicas do país.

O programa “Brasil+Competitivo” assenta numa plataforma completa de soluções que disponibiliza às empresas, de forma simples, seis diferentes tipos de recursos:

- Educacional - notícias, vídeos e fóruns para PME (gestão, competitividade, empreendedorismo, inovação, acesso a consultores, e alternativas de financiamento para crescimento) e investidores (business angels, investidores qualificados, capital de risco, fusões e aquisições, admissões em bolsa (IPO));
- Capital de crescimento - opções e oportunidades para PME obterem recursos para crescimento dos seus negócios, facilitando o acesso ao capital de risco, financiamentos via banca, programas de apoio a fusões e aquisições, e dinamização de IPO, com foco na preparação/seleção das fontes de financiamento apropriadas às necessidades deste tipo de empresas;
- Presença digital - potenciar a presença digital das PME na internet para auxiliar no processo de comercialização de produtos e serviços (via site próprio e/ou “marketplaces”) e sites coletivos de compras (foco em menos custos e mais vendas);
- Competitividade - ferramentas de apoio à competitividade, à inovação empresarial e empreendedorismo (foco na “emancipação empresarial”);
- Showroom de PME - registo e área de “consultório online”, acesso a consultores externos (via mentoring e coaching), divulgação de informações, relatórios de pesquisa, conferências online, roadshows, redes sociais, etc. (foco na promoção de PME e na criação de valor para os seus acionistas);
- Investidores - fóruns de discussão sobre empresas, rankings de governança, rankings de inovação, rankings de rentabilidade/crescimento, blogues e colunas de especialistas, e consultórios (foco nas redes sociais).

Com o programa “Brasil+Competitivo”, as empresas têm assim acesso a diferentes ferramentas que contribuem para promover o seu desenvolvimento, tais como inovações, técnicas de marketing e presença digital, economia por meio de compras coletivas, ideias de novos produtos e serviços, e opções para obtenção de capital para crescimento, assim como exposição frente a potenciais investidores.



NOVAS SOLUÇÕES DE MICROFINANCIAMENTO PARA A INOVAÇÃO

Estão à frente da iniciativa do “Brasil+Competitivo” instituições como o MBC - Movimento Brasil Competitivo (que reúne as principais associações empresariais do país como a FIESP, a FecomercioSP e a ACSP-Associação Comercial de São Paulo) e a BRAIN (que visa catalisar a consolidação do Brasil como um polo internacional de investimentos e negócios).

Além do programa “Brasil+Competitivo”, destacam-se como boas práticas no país no apoio ao microfinanciamento as iniciativas do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), no domínio da capacitação de pequenos empresários e empreendedores e o instrumento FINEP - Financiadora de Estudos e Projetos, desenvolvido mais adiante.

Considerando que PME representam, de acordo com o SEBRAE, na economia brasileira:

- 98,5% das empresas existentes no país;
- 95% das empresas do setor industrial;
- 99,1% das empresas do setor de comércio;
- 99% das empresas do setor de serviço;
- 60% da oferta de emprego;
- 42% do pessoal ocupado na indústria;
- 80,2% dos empregos no comércio;
- 63,5% da mão-de-obra do setor de serviços;
- 21% do produto interno bruto.

Sendo portanto, uma importante fonte de geração de riqueza e receita no país, o foco das políticas públicas no apoio a este segmento de empresas, em particular as de menor dimensão, é absolutamente relevante, sendo o SEBRAE uma instituição crucial na implementação dessas políticas.

● **SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas**

O SEBRAE é uma entidade privada sem fins lucrativos, que tem como a missão de promover a competitividade e o desenvolvimento sustentável dos micro e pequenos empresários, além de fortalecer o empreendedorismo e acelerar o processo de formalização da economia por meio de parcerias com os setores público e privado, programas de capacitação, acesso ao crédito e à inovação, estímulo ao associativismo, feiras e networks de negócios. Em julho de 1972, por iniciativa do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Económico e Social do Brasil – equivalente à Caixa Geral de Depósitos em Portugal) e do Ministério do planeamento brasileiro, foi criado o Centro Brasileiro de Assistência Gerencial à Pequena Empresa (CEBRAE). O Conselho Deliberativo do CEBRAE com “C” contava com a FINEP (apresentada de seguida), a Associação dos Bancos de Desenvolvimento (ABDE) e o próprio BNDES.

Dois anos depois, em 1974, o CEBRAE já contava com 230 colaboradores, dos quais apenas sete no núcleo central, estando a instituição presente em 19 estados brasileiros.

Em 1979, a instituição tinha como principal missão desenvolver programas específicos para apoiar as pequenas e médias empresas brasileiras, tendo formado até esse ano 1200 consultores especializados na capacitação de micro e pequenos empresários. Em 1990, o CEBRAE foi transformado em SEBRAE,



NOVAS SOLUÇÕES DE MICROFINANCIAMENTO PARA A INOVAÇÃO

uma instituição privada sem fins lucrativos e de utilidade pública. As suas receitas provêm de uma contribuição paga à Segurança Social pelas empresas brasileiras incidente sobre a sua massa salarial e que a própria Segurança Social transfere para o SEBRAE.

Desde então que o SEBRAE ampliou sua estrutura de atendimento para todos os estados brasileiros, sendo responsável pela criação e desenvolvimento de milhares de micro e pequenos negócios por todo o país.

O SEBRAE acabou por ganhar visibilidade com a aprovação da lei geral de micro e pequenas empresas brasileira, em dezembro de 2006. A lei consolidou, num único documento, um conjunto de estímulos que acabou por ser oferecido ao segmento das micro e pequenas empresas pelas três esferas da administração pública, inclusive na área tributária. O papel do SEBRAE tem sido assim o de mostrar aos empresários brasileiros de micro e pequenas empresas as vantagens de ter um negócio empresarial, apontando caminhos e soluções, com o objetivo de facilitar o acesso a serviços financeiros, a tecnologia e ao mercado, sempre com foco na competitividade.

O SEBRAE promove um relacionamento duradouro com os empreendedores e empresários, em quatro áreas chave:

- Articulando as políticas públicas para criar um ambiente institucional mais favorável às micro e pequenas empresas;
- Promovendo o acesso daquelas empresas a novos mercados;
- Promovendo o acesso daquelas empresas o acesso a tecnologia e inovação;
- Facilitando o acesso daquelas empresas a serviços e instrumentos financeiros.

● Arranjos Produtivos Locais

Além do SEBRAE, destaque-se também no Brasil, os "Arranjos Produtivos Locais" (APL) como um conjunto de atores económicos, políticos e sociais, localizados no mesmo território, que desenvolvem atividades económicas correlacionadas e que apresentam vínculos relevantes de produção, interação, cooperação e aprendizagem.

Os "APL" geralmente agregam empresas que produzem e comercializam bens e serviços clientes, associações e representações e demais organizações que desenvolvem atividade relacionada com a formação e educação de recursos humanos, informação, pesquisa, desenvolvimento e engenharia, promoção e financiamento. A articulação entre empresas de todas as dimensões nos "APL" e o aproveitamento das sinergias geradas com as suas interações fortalece a probabilidade de sobrevivência e crescimento, constituindo-se hoje em dia no Brasil uma importante fonte de vantagens competitivas duradouras para os negócios de pequena escala.

O apoio a "APL" é fruto de uma nova percepção de políticas públicas de desenvolvimento no Brasil, em que o local passa a ser visto como um eixo orientador de promoção económica e social. O seu objetivo é



NOVAS SOLUÇÕES DE MICROFINANCIAMENTO PARA A INOVAÇÃO

orientar e coordenar os esforços governamentais na indução do desenvolvimento local, em consonância com as diretrizes estratégicas do governo, a geração de emprego e receita e o estímulo às exportações.

A opção estratégica pela atuação integrada em “APL” decorre, fundamentalmente, do reconhecimento de que políticas de fomento a pequenas e médias empresas são mais efetivas quando direcionadas para grupos de empresas e não para empresas de forma individualizada. Desta forma, a dimensão das empresas passa a ser um constrangimento secundário, pois o potencial competitivo destas empresas advém não de ganhos de escala individuais, mas sim de ganhos decorrentes de uma maior cooperação entre elas.

Outra boa prática brasileira passou pela publicação, em 2004, da Lei da Inovação (10.973/04) como um dos principais “outputs” de referência da PITCE (Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior), que estabeleceu a necessidade de lançar medidas de incentivo à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo do país. Esta lei está organizada em torno de três eixos:

- Fomento de parcerias entre empresas, universidades e institutos tecnológicos;
- Estímulo à participação de entidades do sistema científico e tecnológico no processo de inovação;
- Estímulo à inovação nas empresas.

Para isso, a lei prevê a concessão de recursos financeiros, humanos, materiais ou de infraestruturas destinados a apoiar atividades de pesquisa e desenvolvimento, estabelecendo que as agências de fomento empresarial brasileiras deveriam promover, através de programas específicos, ações de estímulo à inovação nas micro e pequenas empresas, apostando na “extensão” tecnológica das entidades do sistema científico e tecnológico nacional (SCTN) local a este segmento de empresas.

● **FINEP - Inovação e Pesquisa**

Neste contexto, a FINEP - Inovação e Pesquisa foi identificada como o organismo responsável pela gestão dos recursos financeiros disponíveis junto das empresas, destacando-se programas especiais como “Financiamento Reembolsável Padrão, Financiamento Reembolsável com Equalização de Juros, Financiamento Reembolsável com Participação nos Resultados, Pro-Inovação, Juro Zero, Subvenção Econômica, PAPPE”.

No fundo, a FINEP é uma empresa pública vinculada ao ministério da ciência e tecnologia e que tem como missão apoiar a inovação e o desenvolvimento da comunidade científica brasileira, ao financiar a implantação de novos grupos de pesquisa e a criação de programas de financiamento da expansão da infraestrutura nacional de I&D.

Exemplos de projetos financiados pela FINEP: o desenvolvimento do avião Tucano da empresa brasileira de aeronáutica (Embraer), o apoio a inúmeros projetos da empresa brasileira de pesquisa agropecuária (Embrapa) e de universidades, que foram essenciais para o desenvolvimento tecnológico do sistema agropecuário brasileiro, tornando-o um dos mais competitivos do mundo e o financiamentos de projetos



NOVAS SOLUÇÕES DE MICROFINANCIAMENTO PARA A INOVAÇÃO

de pesquisa e de formação de recursos humanos da Petrobras, em parceria com universidades, que contribuíram para o domínio da tecnologia de exploração de petróleo em águas profundas e que estão a contribuir para a autossuficiência do Brasil neste setor de atividade.

Os instrumentos disponibilizados pela FINEP às empresas combinam recursos reembolsáveis e não-reembolsáveis, sempre orientados para o apoio à inovação e competitividade do setor empresarial. No caso de apoio a fundo perdido, inclui programas de apoio exclusivo a instituições públicas ou organizações privadas sem fins lucrativos para investigação científica ou tecnológica ou de inovação. O apoio a empresas, passa pela disponibilização de um apoio reembolsável, orientado para aquelas que demonstrem capacidade de pagamento e condições para desenvolver projetos de I&D, variando os prazos de carência e amortização, assim como os encargos financeiros, de acordo com as características da empresa, da modalidade de financiamento, do projeto em causa e da instituição financeira parceira.

Esta possibilidade de apoio pode passar pela bonificação de juros, para a realização de projetos de investigação, desenvolvimento e inovação de bens, serviços ou para a capacitação tecnológica de empresas brasileira. A FINEP financia até 90% do valor total do financiamento nesta modalidade, via instituição financeira parceira. Para projetos desenvolvidos por micro e/ou pequenas empresas inovadoras, o empréstimo concedido não terá taxa de juro associada (Programa Juro Zero), apenas uma possibilidade de reembolso ajustada à geração de cash-flows dos projetos.

A FINEP disponibiliza também apoios a empresas via capital de risco (programa inovar), que se assemelha muito ao modelo existente em Portugal via Fundo FINOVA (detalhado mais adiante no presente estudo). No âmbito deste Programa, a FINEP lança concursos para gestores existentes e potenciais de fundos e sociedades gestoras de fundos de capital de risco, orientados para qualquer setor de atividade, com vista a serem analisados projectos de capital de risco que se enquadrem no âmbito da atividade do organismo e que possam ser alavancados com fundos da FINEP (via subscrição direta de unidades de participação desses fundos).

● 2 | ESPANHA

O microcrédito começou a afirmar-se em Espanha, nos anos 90, como resultado de iniciativas isoladas por parte de diversas organizações sociais. O maior impulso foi dado por entidades do setor público, e especialmente dos bancos regionais de poupança. Desde então, o número de empréstimos concretizados cresceu exponencialmente até que conheceu uma desaceleração abrupta, com a crise financeira internacional de 2008-2009. Cerca de 20.000 operações de microcrédito, principalmente promovidas pelos bancos de poupança, estavam ativas em 2008, no auge da expansão da atividade. Em 2010 apenas um número restrito de instituições financeiras continuaram a fornecer microcrédito na Espanha, com destaque para o Banco La Caixa.

Os programas ligados a iniciativas do setor público também continuaram ativos, envolvendo o sistema nacional de garantia mútua tal como aconteceu em Portugal. É o caso da ICO Microcrédito Line (Instituto de Crédito Oficial) e do programa para empresários e mulheres de negócios do Instituto de la Mujer (Instituto das Mulheres). Esses programas têm sido baseados na existência das chamadas entidades de suporte ao microcrédito, que funcionam como uma ligação entre as entidades prestadoras de microcrédito e micro-



NOVAS SOLUÇÕES DE MICROFINANCIAMENTO PARA A INOVAÇÃO

empresários. Estas organizações, que podem ser entidades públicas ou privadas, são caracterizadas pela sua proximidade com os grupos vulneráveis, e também por sua experiência em trabalho social através da promoção de auto-emprego. Com a crise e o encerramento de muitos dos programas, as entidades de suporte acabaram por enfrentar dois problemas essenciais:

- Oferecer alternativas de financiamento aos beneficiários que não o crédito;
- Sobreviver do ponto de vista de sustentabilidade financeira.

De fato, algumas entidades de suporte, como o Banco Mundial de la Mujer, acabaram por encerrar a sua atividade recentemente. No entanto, uma série de outras entidades acabaram por se manter ativas e desenvolvendo iniciativas inovadoras, como o caso da La Caixa, do Programa Piloto da Fundación ICO e a Fundación Cajasol, ou ENISA (um programa para jovens empresários), o Master on Microfinance da Universidad Autónoma de Madrid (que através de alunos voluntários apoiam beneficiários de microcrédito no desenvolvimento dos seus projetos) e a PEM - Plataforma de Emprendimiento y microfinanzas (www.esmicrofinanzas.com), em todos os casos recorrendo a recursos próprios, mas agora focalizando a sua atividade na valorização do espírito empreendedor e na educação e / ou experiência profissional do micro empresário. O montante médio de empréstimos a empresas ronda agora em Espanha os 10.000 euros, para um limite máximo por operação de 25.000 euros, tal como em Portugal.

A referência a Espanha neste estudo justifica-se, não por se tratar de uma “boa prática”, mas pelo contrário, como efeito demonstrador como a crise financeira vivida nos últimos anos quase destruiu a atividade de microcrédito no país, numa base de “lessons learned”.

No auge da crise financeira em 2010-2011, a atividade de microcrédito parou quase por completo em Espanha. Só o MicroBank e algumas ONG continuaram com a sua atividade mas em menor escala, o que acabou por contribuir para a retirada do mercado de muitos operadores financeiros que disponibilizavam este produto às pessoas e empresas.

Em parte, a ausência de uma legislação enquadradora da atividade esteve na base deste “colapso” e a liderança do processo feita exclusivamente pelo setor financeiro sem a necessária “abordagem social”, que assim não evitou o apoio a situações de pobreza, desemprego e carência de potenciais empreendedores e pequenos empresários que sofreram diretamente com a crise no país.

A falta de coordenação entre as entidades envolvidas no microfinanciamento também foi um fator indutor desse “colapso”. Um bom exemplo dessa falta de coordenação é o facto do quadro jurídico espanhol não oferecer alternativas para permitir a transição dos microempreendedores informais para o setor formal da economia. A quantidade e a complexidade dos requisitos legais formais, por exemplo para constituir uma empresa, continuaram a constituir uma barreira para o desenvolvimento do microfinanciamento. Apoiar microempreendedores exige uma especialização jurídica, fiscal, e sobretudo um quadro administrativo adequado, o que não foi conseguido em Espanha.

8

A própria descentralização das políticas públicas no país para apoiar micro negócios (cada região com as suas próprias regras) vieram a contribuir para uma falta de esforços de “lobby” direcionados para o





NOVAS SOLUÇÕES DE MICROFINANCIAMENTO PARA A INOVAÇÃO

fortalecimento de medidas transversais de apoio ao microfinanciamento, como mais uma vez a criação de uma regulamentação adequada e a sua inclusão na agenda política nacional, bem como a sensibilização dentro do setor público.

O “Foro de Microfinanzas” criado, em 2010, para corrigir as insuficiências anteriormente identificadas acabou por ter a adesão de mais de 50 instituições nacionais e regionais, sendo hoje composto por mais de 120 instituições, entre bancos de poupança, a Fundación ICO, universidades, fundações privadas, ONG, associações de beneficiários, consultores, instituições públicas (autarquias, ministérios, governos regionais), entre outros.

A crise financeira acabou por ter um impacto muito negativo no desenvolvimento de micro negócios no país, tendo contribuído direta ou indiretamente para o acréscimo de 5,6 milhões de desempregados, sendo reconhecido pelas entidades que participam no “Foro de Microfinanzas” que o acesso ao microcrédito pode responder com sucesso a uma das maiores necessidades em Espanha nos próximos anos: a criação de emprego.

E para posicionar o microcrédito e o microfinanciamento no país como instrumentos financeiros adaptados às necessidades de empresários que criam o seu auto-emprego e a microempresas que desejem iniciar ou expandir seus negócios é o grande desafio futuro para os decisores políticos nacionais e locais, tendo em conta uma estrutura jurídica adequada para o setor, bem como modelos que se baseiam em parcerias público-privadas que tornem a atividade sustentável. E o empenho de novas organizações espanholas dedicadas a esta causa que têm surgido no mercado nos últimos dois anos é prova que os primeiros resultados começam a surtir efeito:

- Asociación de Comunidades Autofinanciadas (ACAF)
- ADMolinos
- Barcelona Activa
- Bilbao Bizkaia Kutxa (BBK)
- Colonya Caixa de Pollença
- Fundació CP'AC
- Fundación CIDEAL de Cooperação e Investigación
- Fundación Género
- Fundação Privada Triniçove
- Fundación Tomillo
- MicroBank
- MITA ONG

3 | ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Pela natureza da estrutura empresarial do país e do seu espírito empreendedor, os Estados Unidos da América são considerados como um país de referência em termos de boas práticas internacionais neste domínio.

Os censos sobre a atividade de microfinanciamento no país, “US Microenterprise Census”, realizados anualmente pela FIELD no Instituto Aspen (www.fieldus.org), uma organização sem fins lucrativos com



NOVAS SOLUÇÕES DE MICROFINANCIAMENTO PARA A INOVAÇÃO

a missão de identificar, desenvolver e disseminar melhores práticas no que respeita a microempresas e políticas anti-pobreza, identificou em 2012 (com referência ao ano de 2011) 816 programas de apoio a microempresas que disponibilizam empréstimos, formação, assistência técnica e outros serviços a microempresas e aos seus microempreendedores. O valor total de microcrédito atribuído no mercado ultrapassava os 175 milhões de dólares, envolvendo perto de 25.000 operações ativas e 360.000 pessoas beneficiadas. O montante médio de empréstimo ascendeu a 50.000 USD, sendo a taxa de juro média cobrada de 8%.

Os operadores americanos de microcrédito preferem claramente uma abordagem de empréstimo individual, em detrimento dos modelos grupados, havendo uma preocupação generalizada na monitorização do risco dos beneficiários, sendo investidos recursos significativos em ferramentas de análise de risco de crédito (performance de projetos e pessoas). Por esta razão, as taxas de incumprimento são baixas neste país, atingindo 9% dos casos, em média.

O enfoque na racionalização do custo médio por microcrédito é outra preocupação dos operadores americanos, que em média apontam para um valor de 9.912 dólares por operação de 50.000 USD, o que denota uma preocupação racional na sustentabilidade dos modelos de financiamento desta atividade.

Os operadores americanos apostam também na oferta de serviços de desenvolvimento de negócios que incluem normalmente uma grande variedade de serviços não financeiros, destinados a ajudar os empresários a começar e fazer crescer seus negócios. Estes serviços incluem formação profissional e assistência técnica, acesso a mercados, serviços de tecnologia, serviços fiscais, entre outros. Em média, 78% dos beneficiários de microcrédito nos EUA recebem este tipo de apoio, sendo 49% deles prestados numa base personalizada ("one-to-one") e 62% participam em ações de formação em gestão empresarial obrigatória, abrangendo matérias como a elaboração de planos de negócios formais e/ou informais, operações, estratégias de marketing, análise financeira, levantamento de capital e estratégias de desenvolvimento de negócios.

Nos EUA os programas de desenvolvimento de microempresa variam desde os que se encontram apenas concentrados em prestar assistência aos microempresários/empreendedores até àqueles que são incorporados em organizações com missões mais amplas. Estes últimos, por exemplo, incluem instituições financeiras de desenvolvimento comunitário local que disponibilizam financiamento e assistência técnica para várias finalidades, organizações educacionais e de serviços sociais, empresas de desenvolvimento de comunidade de base local, entre outros.

Os programas de microcrédito nos EUA também variam em função da geografia em que operam (73% apoiam projetos e empreendedores de zonas urbanas, sendo 15% orientados para apoiar projetos e empresas em vários estados e não de forma restrita a um determinado estado ou região).

● ACCION EUA

A organização privada e sem fins lucrativos mais importante a atuar nos EUA no microcrédito é a ACCION EUA (<https://us.accion.org/>). A abordagem de microcrédito para o combate à pobreza não existiu nos Estados Unidos até 1991. Naquele ano, a ACCION lançou um projeto piloto de microcrédito no bairro de Brooklyn, Nova York, encontrando-se hoje em dia a sua atividade disseminada por todo o país, sendo a maior organização de microcrédito nos Estados Unidos da América.



NOVAS SOLUÇÕES DE MICROFINANCIAMENTO PARA A INOVAÇÃO

A ACCION EUA tem como alvo as comunidades com baixos rendimentos de Chicago, New México, San Diego e Texas. Em quase 10 anos, a instituição já desembolsou mais de 150 milhões de US dólares em empréstimos a pequenas empresas para milhares de empresários, cobrando taxas de juros anuais médias de 13%. Ao disponibilizar às pessoas as ferramentas financeiras necessárias para lançar um negócio, para além de empréstimos, formação profissional e outros serviços financeiros, a ACCION EUA auxilia os clientes a trabalhar o seu caminho para sair da pobreza.

Os resultados de uma avaliação da atuação da ACCION EUA, ao longo de três anos, em várias empresas clientes são promissores. O estudo evidenciou que os clientes aumentaram os seus rendimentos disponíveis em 38% e os lucros médios mensais no caso de empresas em por 47% após a contratualização do empréstimo com a ACCION, o que demonstra bem o impacto desta ferramenta num país com as características dos EUA.

Outros exemplos de operadores de microcrédito:

- www.justinepetersen.org
- www.opportunityfund.org
- www.womensinitiative.org
- www.nybcna.org/bcna (só para refugiados)
- www.ace loans.org

● **Small Business Administration**

Do lado federal encontramos como boa prática o caso do Small Business Administration (SBA). O SBA disponibiliza uma variedade instrumentos de capitalização de empresas de pequena e média dimensão para fins muito específicos, tendo as seguintes modalidades:

- Empréstimos, a empresas, orientados para necessidades especiais, como, por exemplo, para empresas exportadoras, empresas que operam em zonas rurais e para outros fins muito específicos;
- Programa de microcrédito orientado para pequenas empresas. O SBA coloca os fundos à disposição de entidades financeiras intermediárias especializadas que são geralmente instituições sem fins lucrativos, organizações de base comunitária, com experiência na concessão de empréstimos, bem como de gestão e assistência técnica. O montante máximo de empréstimo disponibilizado por esta via é de 50.000 USD;
- Programa de empréstimo para desenvolvimento que constitui uma ferramenta de financiamento de longo prazo, destinada a incentivar o desenvolvimento económico dentro de uma comunidade, sendo orientado para pequenas empresas com necessidades de financiamento a longo prazo, para adquirir ativos fixos importantes para a sua expansão ou modernização;
- Programa de apoio à emissão de obrigações emitidas por pequenas e médias empresas, via garantia prestada aos subscritores dessas obrigações, contemplando esse apoio também as condições para tornar os títulos transacionáveis no mercado de capitais.



NOVAS SOLUÇÕES DE MICROFINANCIAMENTO PARA A INOVAÇÃO

De notar que todos estes instrumentos e programas não são disponibilizados diretamente pelo SBA às empresas, mas através de entidades financeiras parceiras, envolvendo normalmente um esquema de garantia associada aos empréstimos ou emissão de obrigações.

● Crowdfunding

O crowdfunding também se encontra muito disseminado nos EUA, destacando-se a performance da primeira plataforma de escala mundial do género, a Kickstarter (<https://www.kickstarter.com/>), responsável até à data pela angariação de 1.1 biliões de US dólares para mais de 62 200 projetos bem-sucedidos. Outras plataformas se podem destacar, em funcionamento no país:

- www.crowdfunder.com
- www.indiegogo.com
- www.rockethub.com
- peerbackers.com

● 4 | ISRAEL

Israel foi também objeto de análise neste estudo no domínio do microfinanciamento, dadas as boas práticas no apoio à inovação, consideradas por muitos autores académicos como das mais interessantes ao nível mundial.

● KIEDF

Do ponto de vista do microcrédito, como bom exemplo foi identificada a KIEDF (Koret Israel Economic Development Funds), organização não-governamental, como a primeira entidade que lançou um fundo para microcrédito em Israel (2003), tendo como enfoque da sua atividade o apoio à população / empreendedores de baixo rendimento. Esta entidade tornou-se em 2012, um “field partner” da KIVA (organização sem fins lucrativos, que através do seu site, disponibiliza uma rede mundial de instituições de microfinanciamento e sobre a qual falaremos com mais detalhe adiante).

A KIEDF foi criada em 1994, por iniciativa da Fundação Koret de San Francisco (www.koretfoundation.org) para demonstrar que os fundos de capitais privados poderiam ser utilizados de forma eficiente para estimular o desenvolvimento económico e as oportunidades de emprego no setor privado em Israel.

Através da sua plataforma de microcrédito, a KIEDF facilitou até hoje mais 300 milhões dólares de novos financiamentos através dos bancos parceiros para 11.500 micro e pequenas empresas, contribuindo para a criação e manutenção de cerca de 50.000 postos de trabalho no país.

A KIEDF utiliza os seus ativos como garantia para facilitar os empréstimos bancários concedidos a PME que não conseguem obter crédito em condições razoáveis. Desde 2010, que a KIEDF tem concentrado a sua atividade e recursos no desenvolvimento da periferia das grandes cidades de Israel, onde a falta





NOVAS SOLUÇÕES DE MICROFINANCIAMENTO PARA A INOVAÇÃO

de disponibilidade de crédito em condições razoáveis para PME contribui significativamente para a falta de oportunidade de emprego, especialmente para a geração mais jovem. Por exemplo, a KIEDF acordou garantias da Overseas Private Investment Corporation (OPIC), uma entidade do governo dos EUA, para financiamentos de microcrédito de beneficiários das regiões de Neguev e da Galileia. O programa foi projetado para facilitar mais de 140 milhões de dólares de crédito para cerca de 3.000 PME nessas regiões até 2016.

A KIEDF gere também um fundo especial ao serviço do setor árabe-israelense, em parceria com o Banco Árabe Israel (AI), num montante de 10,5 milhões de dólares para micro empréstimos a PME. Além disso, a KIEDF fornece garantias de empréstimos à organização Keren Shemesh, que concede crédito e apoio voluntário de orientação por profissionais de negócios a jovens empreendedores, principalmente da periferia e oriundos de meios desfavorecidos. Neste programa, a KIEDF facilitou e garantiu mais de 11 milhões de dólares a cerca de 500 pequenas empresas desde o início do programa em 2007.

Em março de 2012, lançou um novo mecanismo em parceria com o U-Bank para alavancar empréstimos a ONG e empresas socialmente responsáveis no país.

Hoje em dia a KIEDF opera em todo o país a partir de Tel Aviv, estando presente em Carmiel, Rahat e Nazaré com pessoal de campo trabalhando com clientes no terreno, alcançando cidades, vilas e bairros. Desde 2006 já concedeu 3.250 empréstimos, num montante de 5,2 milhões de dólares, com taxas de incumprimento muito baixas (2%).

No entanto, apesar da sua importância relevante para o desenvolvimento do microcrédito no país, a posição dominante da KIEDF também tem limitado oportunidades para as pessoas que vivem na pobreza para melhorar a sua situação económica fora do território israelita mesmo sendo uma prioridade para o governo israelita alargar o mais possível o âmbito da atividade da KIEDF a territórios vizinhos e populações não judaicas. Exemplo disso é o programa SAWA que foi desenvolvido tendo como beneficiários mulheres de beduínos do Negev, a população mais pobre do país, utilizando o modelo de solidariedade de grupo inventado pelo Prof. Yunus do Bangladesh. Com o grande sucesso do programa, o mesmo acabou por ser expandido para o norte de Israel envolvendo mulheres árabes.

Além do microcrédito, o crowdfunding em Israel tem sido também muito dinamizado, destacando-se exemplos de plataformas bastante dinâmicas e com índices de sucesso interessantes no financiamento de projetos:

- www.israelcrowdfunding.org (Associação de Crowdfunding de Israel)
- www.crowdmii.com
- www.ourcrowd.com
- www.mimoon.com (a mais importante do país)

● Apoios à inovação

Por seu turno, no domínio do apoio à inovação, Israel apresenta-se como um verdadeiro caso exemplar, sendo um dos poucos países no mundo com um sistema nacional de inovação a funcionar de



NOVAS SOLUÇÕES DE MICROFINANCIAMENTO PARA A INOVAÇÃO

forma articulada e eficaz, envolvendo um conjunto de organizações públicas e privadas nacionais, cujas relações e interações a nível nacional contribuem para o desenvolvimento e difusão de novos conhecimentos e novas tecnologias.

Foi possível neste país conceber e implementar um pacote de instrumentos pró-inovação, sustentado em relações articuladas entre os atores do sistema, e em mecanismos de financiamento adequados às necessidades dos players do sistema de inovação. Tal revelou-se possível através da emergência de setores de alta tecnologia, principalmente TIC, que pesam hoje mais de 30% da exportação total de Israel e 16% do PIB nacional, de acordo com o Instituto Neaman Samuel, (2010).

Esta realidade notável de Israel é também reflexo do seu mercado dinâmico de capital de risco, que até à recente crise económica mundial ascendia a 13,3 biliões de dólares investidos em empresas de alta tecnologia (a maioria start-ups), o que representou 0,3% do PIB, marca apenas ultrapassada pelo Reino Unido na Europa.

O país tem sido muito dinâmico na criação de empresas “high-tech, high-growth”, e apresenta o maior número de empresas de alta tecnologia listadas no Nasdaq, logo a seguir aos Estados Unidos.

Além disso, apesar da sua difícil situação geopolítica, Israel conseguiu atrair um grande investimento das empresas multinacionais para os seus centros de I&D, incluindo os maiores players mundiais, como a Google, Intel, Microsoft, HP, entre outros. O país tem a maior despesa em I&D entre os membros da OCDE, que atingiu 4,3% do PIB em 2009, com quase 80% desse montante financiado pelo setor empresarial (Instituto Neaman Samuel, 2010).

Israel pertence ao grupo de países restrito cuja economia é baseada em setores de conhecimento intensivo que alimentam a vantagem competitiva do estado. O país tem-se destacado no domínio das TIC, mas também noutros setores de alta tecnologia, tais como bio e nano tecnologias, ambiente e saúde.

Estes resultados resultam em grande medida do modelo de sistema de inovação de Israel, do qual fazem parte organizações que parecem ser centrais para o desenvolvimento do sistema, bem como dos processos chave que influenciam seus relacionamentos. Para além dos três atores principais (empresas, governo e universidades), dois players adicionais, incubadoras tecnológicas e sociedades de capital de risco, foram integrados no modelo, bem como empresas locais, centros de empresas estrangeiras de I&D e empresas israelitas localizadas fora do país.

Como fatores que contribuíram para o sucesso deste modelo, destaca-se a transformação do conhecimento ou a transferência de tecnologia e conhecimento das universidades para as empresas, via licenciamento e criação de empresas (spin-off), pesquisa colaborativa e joint ventures, para além da colocação de graduados universitários em empresas, o que é particularmente significativo no caso dos centros de empresas estrangeiras a operar no país.

Destacam-se também as relações entre start-ups e empresas locais ou estrangeiras existentes e a intervenção assertiva do governo no apoio a programas de I&D universitários e o fomento do cofinanciamento de empresas via intervenção em fundos de capital de risco privados, incubadoras e centros de inovação.



NOVAS SOLUÇÕES DE MICROFINANCIAMENTO PARA A INOVAÇÃO

O sistema de inovação de Israel demonstra efetivamente um significativo grau de interconexão entre seus principais agentes com um papel considerável do governo na definição das regras e funcionamento do sistema e a sua ligação a ambientes sociais, geopolíticos, culturais e jurídicos que formam um ambiente mais amplo e orientado totalmente para a inovação de forma articulada.

Se analisarmos a evolução do sistema numa perspectiva histórica, verifica-se mesmo que tem sido desenvolvido com base em linhas firmes de orientação em resposta às variações da envolvente, tendo sido crucial o papel do governo na exploração contínua e consistente dos seus pontos fortes e aproveitamento das oportunidades.

Os sistemas nacionais de inovação não se desenvolvem com base em unidades independentes, isoladas, mas sim incorporando o mais possível os desafios de âmbito social, político, cultural, financeiro, jurídico, educacional e de envolvente do país.

Paradoxalmente, as conquistas impressionantes de Israel a este nível inovação podem estar relacionadas com a sua situação geopolítica altamente adversa e que remonta à década de 1960. Foi nesse momento que a necessidade de inovação no domínio militar do país surgiu como resultado do embargo francês ao fornecimento de armas no momento guerra dos seis dias, em 1967. Em consequência, o governo de Israel comprometeu-se a desenvolver um setor de defesa independente, o que levou a apostar no conhecimento técnico gerado em empresas nacionais com negócios relacionados com a defesa.

Além disso, Israel é um país de imigrantes, que fomenta o espírito empreendedor da sociedade e a capacidade intrínseca de assumir riscos. Entre 1989 e 2001, Israel experimentou um influxo de imigrantes altamente qualificados da antiga união soviética, que ultrapassou um milhão de pessoas, dos quais 11.000 eram cientistas e engenheiros, tendo adicionalmente 44% da população com idade entre 25-64 anos o grau de ensino superior (Instituto Neaman Samuel, 2010).

No início de 1990 os processos de inovação na economia israelita aceleraram significativamente. Foi o momento em que importantes medidas foram tomadas pelo governo com o objetivo de facilitar o desenvolvimento de setores de alta tecnologia, em resposta às identificadas “falhas de mercado”, como o bom exemplo do programa Yozma como pano de fundo, que passou pela criação de um fundo público de capital de risco (embora com gestão profissional e independente do poder político) que apostou em cativar investidores americanos (operadores de capital de risco) em apostar em start-ups tecnológicas com grande potencial de crescimento no país, tendo em paralelo fomentado um programa de criação de incubadoras tecnológicas para acolher essas start-ups, em estreita colaboração com uma mudança do papel das universidades na sociedade e economia, que começaram a apostar na investigação orientada para o mercado e em estreita cooperação com a indústria.

Como resultado, as relações academia indústria tornaram-se mais institucionalizadas, refletindo-se na criação de unidades de transferência de tecnologia nas principais universidades do país, completamente autónomas do governo central e capazes de gerir a sua receita própria (via royalties de licenciamento de tecnologia, por exemplo), com incentivos claros à investigação orientada para o mercado em detrimento da investigação aplicada.

Outro caminho para o sucesso da base tecnológica do país foram os incentivos para “high-tech R&D centers” de empresas estrangeiras ao abrigo da lei de incentivo a investimento de capital estrangeiro,



NOVAS SOLUÇÕES DE MICROFINANCIAMENTO PARA A INOVAÇÃO

envolvendo benefícios fiscais e subsídios à criação de emprego, este último em zonas periféricas específicas do país. Além disso, as subsidiárias de empresas estrangeiras estabelecidas em Israel tiveram acesso direto a vários programas co-financiados pelo governo.

No entanto, algumas falhas têm sido apontadas ao sistema israelita de inovação, destacando-se a negligência das indústrias ditas “tradicionais” que empregam a maioria da força de trabalho industrial do país. Além disso, o modelo de capital de risco estritamente orientado para “high growth high tech” acabou por revelar-se ineficiente durante a crise econômica dos últimos anos, impondo uma ameaça considerável sobre os investimentos necessários em alta tecnologia das empresas suas participadas, sobretudo pelas dificuldades sentidas ao nível do financiamento dos seus próprios fundos sob gestão. O sistema de inovação israelita tem inibido também a instalação de novas empresas multinacionais no país, em particular nos últimos anos devido à dificuldade na estratégia de saída de fluxos financeiros para fora do país (dividendos e repatriamento de capitais)

Afinal, a expectativa para as universidades ao serem motores de inovação econômicos levantou uma questão sobre o papel que essas organizações devem desempenhar na sociedade e no equilíbrio entre a investigação básica e a orientada para o mercado. Ambos os aspetos estão agora em discussão no país e não deixam de ser cruciais para a análise do sucesso do modelo de desenvolvimento da inovação adotado. Exemplo dessa discussão é a reorientação do modelo de inovação de áreas relacionadas com a indústria militar para domínios mais diversificados como a tecnologia integrada na agricultura (irrigação gota-a-gota), informatização de ordenha, dessalinização da água do mar, purificação de efluentes e reciclagem de materiais, estratégia que acabou por demonstrar resultados surpreendentes ao colocar o país na vanguarda da tecnologia mundial naqueles domínios.

● 5 | FINLÂNDIA

A Finlândia é um dos países da Europa de maior sucesso no financiamento de empresas inovadoras com elevado potencial de crescimento e com grande incorporação de componente tecnológica. Este resultado é, sobretudo, atribuído à existência de um “ecossistema” de investimento, cujas características distintivas importa atender.

● O ecossistema de investimento finlandês

A Finlândia é, atualmente, um exemplo de como o desenho, implementação e avaliação de políticas públicas de investimento baseadas numa visão partilhada da sociedade, transformaram, nas últimas décadas, uma economia essencialmente baseada em recursos florestais numa economia de conhecimento e inovação.

A disponibilização de bens públicos de qualidade internacional, como a educação a toda a população, independentemente das suas possibilidades financeiras, o investimento forte em I&D e um sistema de gestão de recursos públicos destinados a financiamento de inovação, faz da Finlândia num caso de sucesso internacional no apoio público a empresas inovadoras com elevada capacidade de crescimento

NOVAS SOLUÇÕES DE MICROFINANCIAMENTO PARA A INOVAÇÃO

no mercado internacional. No entanto, este resultado pode apenas ser plenamente entendido como produto de um modelo que vai muito para além dos instrumentos de financiamento que, normalmente, são a face visível de resposta a um problema de crescimento que muitas empresas enfrentam quando desejam crescer a nível internacional.

O modelo que permite à Finlândia ter um número elevado de empresas inovadoras assenta no dinamismo e entrosamento de vários participantes (parlamento, governo, ministérios, agências de financiamento e apoio, universidades e centros de investigação, empresas) em quatro áreas fundamentais (ver quadro anexo):

Participantes no ecossistema de investimento finlandês por área de intervenção	
Áreas de Intervenção	Participantes
Definição da política de investimento público	Governo, Parlamento e Ministérios
Implementação da política pública	Agências de financiamento e apoio
I&D e educação	Universidades e centros de investigação
Iniciativa privada e sociedade civil	Empresas e associações

● Órgãos Políticos

A nível político, as entidades intervenientes na direção do sistema de inovação são compostos pelo parlamento e vários ministérios que definem a estratégia que deve ser seguida pelas agências públicas de investimento. Estas agências de investimento procedem, posteriormente, à implementação da estratégia definida, sendo avaliado o seu desempenho.

Dentro deste grupo destaca-se o parlamento finlandês que aprova as orientações de política de investimento público propostas pelo governo. Estas orientações vão para além de declarações de missão, porque orientam as agências de investimento na tomada de risco de investimento em projetos mais geradores de emprego ou de retorno financeiro. Neste sentido, é procurado algum equilíbrio entre promoção de indústria tradicional e projetos com elevada componente tecnológica, criação de novos empregos, desenvolvimento de setores chave e volume de investimentos, com vista a garantir um contributo equilibrado dos projetos financiados para o desenvolvimento da Finlândia.

Como garante não só da aplicação das orientações governamentais decididas a nível político pelo parlamento, como também para obter um controlo próximo da sua execução, os ministérios têm representantes próprios nos órgãos sociais das agências públicas de investimento – TEKES, FINNVERA e FINNISH INVESTMENT FUND LTD e existe mesmo o caso da SITRA (Finnish Innovation Fund) que depende diretamente do parlamento.

A estratégia relevante que orienta as ações das agências é definida a nível ministerial. Neste plano os ministérios relevantes são o ministério do emprego e da economia e o ministério da educação e cultura.



NOVAS SOLUÇÕES DE MICROFINANCIAMENTO PARA A INOVAÇÃO

Através de três agências públicas de investimento, os ministérios gerem e controlam o apoio público aos vários segmentos de financiamento empresarial desde pré-seed até late stage growth, cobrindo vários tipos de segmentos de financiamento como subsídios, garantias, empréstimos, financiamento à exportação e capital de risco.

● **Agências de Financiamento e Apoio**

Na Finlândia, as agências públicas de investimento relevantes no apoio às empresas são as seguintes:

- TEKES - Financiamento de R&D e inovação;
- FINNVERA - Financiamento do comércio externo e internacionalização;
- FINNISH INDUSTRY INVESTMENT LTD - Financiamento de crescimento e Internacionalização.

Estas três agências operam sob a orientação do ministério do emprego e da economia sendo, no entanto, independentes quanto ao seu próprio modelo de governo.

Existe também a SITRA, que é um fundo público na dependência direta do parlamento cujo principal objetivo é o investimento em projetos nas áreas do empowering society (criação de uma administração pública eficiente e orientada para as pessoas), da utilização responsável de recursos e criação de uma sociedade com impacto de carbono neutro e das práticas sustentáveis de well being e emprego.

Além das três agências referidas e do SITRA, existem também outras organizações que operam na área da promoção do comércio, desenvolvimento da internacionalização como por exemplo a Finpro e a Team Finland.

A implementação regional das políticas definidas centralmente é assegurada através de um conjunto de centros regionais, os denominados ELY Centres, que garantem a difusão de informação pelas regiões mais distantes da capital e o acesso efetivo das empresas aos mecanismos existentes.

● **Instituições ligadas a I&D e Inovação**

Uma componente significativa da inovação produzida nas empresas e nos centros de investigação tem a sua origem nas universidades e politécnicos, centros de investigação e plataformas de inovação. São dos resultados da investigação, feita por estes centros e departamentos universitários, que surgem projetos "high-growth high-tech" e que, posteriormente, se constituem como empresas (spin-off's). A sequência lógica de desenvolvimento deste tipo de projetos é a prototipagem, constituição de equipa, teste de mercado e posterior constituição de empresa. Nessa fase, o desenho de modelo de apoio ao desenvolvimento e inovação da Finlândia assegura a existência de agências de financiamento especialmente focadas em projetos (ou já empresas) com necessidade de dispor de capital de "pre-seed" ou "seed".

NOVAS SOLUÇÕES DE MICROFINANCIAMENTO PARA A INOVAÇÃO

● Principais agências públicas de investimento na Finlândia

● TEKES

A TEKES é a mais importante agência pública de financiamento de investigação, desenvolvimento e inovação na Finlândia. Além do enfoque em financiamento de inovações tecnológicas, a TEKES apoia também projetos e empresas que demonstrem iniciativas inovadoras, nomeadamente, na área social e do design.

É através desta agência que o governo finlandês implementa a sua estratégia de apoio e financiamento a empresas de elevado potencial de crescimento e internacionalização. A TEKES trabalha com empresas de topo a nível de inovação e com unidades de investigação na Finlândia. Todos os anos, são financiados mais de 1500 projetos de investigação e desenvolvimento, cerca de 600 projetos públicos de investigação realizados nas universidades e institutos universitários de investigação aplicada.

Os fundos e subsídios à investigação são orientados para os projetos que demonstrem maior componente de inovação e para aqueles que mais significativamente contribuirão para o progresso da sociedade finlandesa. Os projetos são avaliados, simultaneamente, pelo seu cunho inovador e pelo seu nível de capacitação.

A I&D é financiada, sobretudo, através de dois instrumentos: subsídios e empréstimos. Embora a maior parte do financiamento da agência seja concedido através de empréstimos, a TEKES apoia também novas projetos sob a forma de subsídio. Estes são tipicamente os casos em que o projeto se baseia em investigação e as novas inovações que daí resultam se aplicarem a mercados ainda não desenvolvidos. Quando os mercados alvo estão já desenvolvidos ou em desenvolvimento, então o apoio é concedido sob a forma de um empréstimo. A opção crescente por empréstimos permite à TEKES apoiar um maior número de projetos.

Tipo de Promotores	Tipologia de Projectos
Empresas	Investigação e desenvolvimento
	Planeamento para crescimento
	Projectos piloto
	Financiamento para empresas com potencial de crescimento
	Desenvolvimento organizacional
Centros de Investigação	Investigação pública em rede com empresas
	Novo conhecimento e investigação aplicada à realidade empresarial
	Vagas para investigação estratégica
Prestadores de serviços públicos	Inovação e aprovisionamento público
	Desenvolvimento organizacional
	Investigação e desenvolvimento



NOVAS SOLUÇÕES DE MICROFINANCIAMENTO PARA A INOVAÇÃO

A TEKES financia ainda centros de investigação e promotores que se enquadrem na área de prestação de serviços públicos. Relativamente aos centros de investigação, a TEKES promove a ligação à investigação que se realiza em universidades e especialmente a investigação aplicada a problemas empresariais concretos. Ao nível das empresas que operam na área de serviços públicos a TEKES promove também a inovação a nível do aprovisionamento, desenvolvimento organizacional e investigação e desenvolvimento.

Além dos aspetos já referidos, o papel da TEKES no sistema finlandês de suporte à inovação caracteriza-se, ainda, por:

- Ocupar uma posição central no sistema de inovação finlandês sendo uma agência de inovação e de referência a nível mundial;
- Ter um modelo de governo com elevada autonomia mas alinhado com os objetivos ministeriais;
- Dar grande enfoque no apoio a start-ups e empresas ainda em fase inicial de desenvolvimento;
- Apoiar, de forma descentralizada, a implementação dos apoios através dos ELY Centres que existem em toda a Finlândia, exceto em Helsínquia;
- Garantir um grande alinhamento de programas e ações tanto com a sua missão organizacional como com o funcionamento contínuo de processos de monitorização, controlo e aprendizagem.

● FINNVERA

A FINNVERA é uma agência de financiamento público que coopera com outras instituições financeiras, numa óptica supletiva, complementando o mercado financeiro, através do fornecimento de soluções de empréstimos, garantias e financiamento à exportação a empresas finlandesas.

As linhas de empréstimos e garantias são especialmente destinados a pequenas e médias empresas servindo para financiar investimentos, desenvolvimento, internacionalização, necessidades de fundo de maneo e alterações de gestão.

Os empréstimos ou garantias da FINNVERA aumentam a possibilidade de se conseguir o financiamento total de privados sendo que muitas operações não se chegariam a realizar sem a intervenção da FINNVERA. Assim a FINNVERA complementa o mercado financeiro quando os bancos exigem partilha de risco para financiar um projeto.

Esta agência não concede qualquer subsídio e cobra uma comissão pelos seus serviços, na medida em que deverá ser autossustentável. No entanto, sendo uma agência de financiamento público, a FINNVERA poderá assumir níveis de risco superiores aos aceitáveis no mercado financeiro, o que viabiliza o financiamento de algumas operações.



NOVAS SOLUÇÕES DE MICROFINANCIAMENTO PARA A INOVAÇÃO

a acompanhar os seus investimentos, a FINNVERA conta com cerca de quatrocentos colaboradores que apoiam mais de trinta mil empresas e empreendedores.

A capacitação de recursos humanos das agências de investimento público é um elemento decisivo do apoio à inovação e internacionalização das empresas, que assim podem beneficiar de acesso a parcerias que vão além do plano de financiamento, e se estendem para o domínio das redes de conhecimento e de contactos a nível internacional.

● **Finnish Industry Investment Ltd**

A Finnish Industry Investment Ltd (FII) é uma empresa pública de investimento com o objetivo de promover empresas, emprego e crescimento económico através de investimentos de capital de risco e private equity. A FII investe em empresas finlandesas, diretamente ou através de fundos de private equity que gere. O perfil das empresas investidas pela FII caracteriza-se normalmente por crescimento rápido, internacionalização, spin-off's, investimentos de grande dimensão bem como reestruturações empresariais ou setoriais.

A FII integra o sistema de inovação finlandês contribuindo para o estímulo da indústria finlandesa, promoção e desenvolvimento de nova tecnologia, criação de empresas de elevado crescimento, aumento do nível de emprego e de bem-estar. A abordagem adotada é colaborativa na partilha de riscos com investidores privados finlandeses e estrangeiros no sentido de disponibilizar financiamento, know-how de investimentos e redes de conhecimento.

Apesar de a FII ser uma agência pública de investimento com fins lucrativos, a obtenção de impactos indiretos dos seus investimentos no progresso e no bem-estar da sociedade está também incorporada na sua estratégia de investimento. Este retorno inclui criação de emprego, fortalecimento de indústrias selecionadas e as suas infraestruturas e o estabelecimento de novas empresas.

O desenvolvimento do setor de capital de risco na Finlândia faz também parte dos objetivos da FII. A estratégia neste domínio materializa-se de várias formas, desde assumir o coinvestimento em novos fundos no mercado com novos operadores, estabelecer relações com fundos internacionais aumentando assim a exposição de empresas finlandesas a investimento estrangeiro e proporcionando redes de contacto e de conhecimento às empresas participadas.

No entanto, a FII conta com uma capacidade de investimento ainda não totalmente otimizada e que pode ser aproveitada procurando e promovendo maior ligação com empresas investidas pela TEKES, focar no aumento dos investimentos por empresa, no investimento em projetos internacionais e de exportação com maior dimensão.

● **Práticas de sucesso identificadas**

Pela natureza e especificidade do sistema finlandês, e tendo em conta os objetivos do estudo, considerou-se de particular interesse interagir directamente com os principais responsáveis das agências de investimento no sistema de inovação na Finlândia.

NOVAS SOLUÇÕES DE MICROFINANCIAMENTO PARA A INOVAÇÃO

Das reuniões realizadas com as três principais agências de investimento finlandesas, identificaram-se as seguintes práticas e condições de ambiente favoráveis à emergência de empresas e projetos inovadores, de elevado crescimento e com capacidade de afirmação a nível global:

- Forte alinhamento estratégico entre órgãos de soberania (parlamento e governo), agências públicas de investimento, universidades e centros de investigação, empresas e associações empresariais;
- A definição da estratégia de apoio à inovação e crescimento e internacionalização incorpora a participação das Agências que vão proceder à sua implementação incluindo definição de processos de acompanhamento, avaliação e correção de resultados implementados;
- Cada agência pública de financiamento tem o seu âmbito e missão definida sendo relativamente claro em que tipo de empresas, instrumentos de financiamento, perfil de risco, dimensão de investimento, ou setores se deverão concentrar;
- Capacitação de recursos muito significativa das agências de investimento em termos know-how de indústria e de investimento para acompanhamento das empresas participadas;
- Ajustamento da estratégia de investimento das agências para suprir falhas de mercado de mercado que existem sobretudo a nível de financiamento de empresas na fase de prototipagem e prova de conceito (1 a 5 milhões de euros) e também ao nível da oferta de capital de risco;
- Objetivos de impacto social incluídos nos critérios de seleção de investimentos utilizados por cada agência;
- Coordenação das várias agências de investimento (TEKES, FINNVERA e FII) para garantir o cash flow das empresas desde a fase de prova de conceito, arranque, crescimento até à expansão internacional;
- Grande dinamismo na angariação de capital para a constituição de novos fundos especialmente por parte da Finish industry Investment;
- Maximização do potencial de investimento através do co-investimento com operadores de capital de risco finlandeses e internacionais em projetos de perfil de risco mais elevado.

Apresentam-se de seguida as principais conclusões das entrevistas realizadas com as três agências públicas de investimento referidas, bem como FVCA (associação finlandesa de capital de risco) e a AC CELETEAM uma aceleradora de empresas.

Finnish Funding Industry for Innovation

Objetivos da visita

Conhecer a atividade da agência e o seu papel no sistema finlandês de apoio à inovação e internacionalização.

Identificar as melhores práticas relevantes a nível da identificação, seleção, processo de investimentos e outros aspetos de valorização do sistema de apoio à inovação e internacionalização da Finlândia.

NOVAS SOLUÇÕES DE MICROFINANCIAMENTO PARA A INOVAÇÃO

- Resultados** | Construção e emergência de clusters de inovação com origem na Finlândia e com capacidade de afirmação a nível internacional são essenciais para o aumento de capital a financiar.
- O cluster de jogos interativos é um fator crítico de sucesso na Finlândia devido a:
Existência de duas empresas de grande sucesso internacional, a SUPERCELL (Clash of Clans) e a ROVIO (Angry Birds);
- Reunião de factores críticos para o sucesso de afirmação desta industria no mercado global (ver bullet seguinte).
- Condições favoráveis para a criação de empresas vencedoras já presentes há alguns anos:
- Know-how tecnológico residente e em abundância
 - Colaboradores empenhados, reduzida rotação
 - Ambiente estável
 - Financiamento público
 - Capacidade empreendedora dos seus promotores
 - Investidores públicos dispostos a financiar atitude de "tentar rápido, falhar rápido"
 - Existência de aceleradores de inovação, como a Start-up Sauna, a Vigo Accelerator e a SLUSH
- A dependência direta do ministério do emprego e economia finlandês coloca a TEKES como o principal instrumento de implementação de estratégia do governo no apoio à inovação e crescimento para jovens empresas inovadoras.
- O financiamento da TEKES não exige capital próprio mínimo, nem garantias e não dilui posição acionista dos promotores.
- Grande volume de financiamento anual de start-ups:
- 130 milhões de euros
 - 600 projetos
- Perfis de empresas financiadas
- Financiamento rápido
 - Spin off's de grandes empresas
 - Transferência de tecnologia e I&D
- Financiamento para start-ups pode ser dividido nas seguintes categorias:
- Planeamento para crescimento internacional
 - Financiamento para projetos de I&D
 - Financiamento para novas empresas inovadoras
- A partir de Julho 2014 o investimento da TEKES começará a ser realizado através de fundos de capital de risco orientados para a fase "seed".

NOVAS SOLUÇÕES DE MICROFINANCIAMENTO PARA A INOVAÇÃO

- Resultados** Innovation Mill Programme gerido pela TEKES para:
- Explorar ideias não aproveitadas por grandes empresas
 - Apoiar o lançamento de start-ups ou transferir tecnologia para empresas existente
 - Conceder às start-ups os direitos de exploração de ideias inovadoras
- As peças de um ecossistema de sucesso são:
- Projetos apoiados de alta qualidade em várias indústrias
 - Investimento crescente concretizado por capitais de risco
 - Avaliações "post-money" e saídas de capital bem sucedidas

FINNVERA

- Objetivos da visita**
- Conhecer a atividade da agência e o seu papel no sistema finlandês de apoio à inovação e internacionalização.
 - Identificar as melhores práticas relevantes a nível da identificação, seleção, e processo de investimentos e outros aspetos de valorização do sistema de apoio à inovação e internacionalização da Finlândia.

- Resultados**
- FINNVERA é entidade gestora do Seed Fund Vera sendo um dos principais investidores na Finlândia. No entanto essa posição passará a ser assumida pela TEKES que começará a gerir este fundo a partir de Julho de 2014.
 - Grande colaboração com rede de business angels via FIBAN (associação finlandesa de business angels) para realização de eventos de "elevator pitch").
 - Investe, sobretudo, em empresas finlandesas na fase early stage.
 - Critério de investimento:
 - Alta tecnologia e inovação
 - Potencial de crescimento no mercado internacional
 - Equipa comprometida e com elevado desempenho
 - Fases de "early stage"
 - Investe em ações e empréstimos convertíveis em capital
 - Investimento inicial tipicamente a situar-se entre 300 e 500.000 euros
 - Posição no capital das empresas participadas entre 15% e 20%, nunca tomando o fundo mais do que 50% do capital de risco angariado
 - Número de business angles que tem co-investido com a FINNVERA tem aumentado substancialmente:
 - Total de investimento concretizado por business angels com a FINNVERA de 13.4 milhões de euros, com uma média de investimento por business angel de 48 mil euros (2013).

NOVAS SOLUÇÕES DE MICROFINANCIAMENTO PARA A INOVAÇÃO

Resultados | A FINNVERA investe, sobretudo, em empresas do setor das tecnologias de informação e comunicação e dentro desta categoria em “mobile”.

FINNISH INDUSTRY INVESTMENT

Objetivos da visita | Conhecer a atividade da agência e o seu papel no sistema finlandês de apoio à inovação e internacionalização.
Identificar as melhores práticas relevantes a nível da identificação, seleção, e processo de investimentos e outros aspetos de valorização do sistema de apoio à inovação e internacionalização da Finlândia.

Resultados | A FII é uma agência pública com fins lucrativos e com um modelo de governo transparente: conselho de administração independente e equipa técnica própria de analistas.
Gere cerca de 80 fundos, com 70 investimentos diretos em empresas.
Como a TEKES e FINNVERA, é uma das agências públicas de investimento que está enquadrada no modelo de estímulo à inovação, crescimento e internacionalização e que incluiu o parlamento, representantes ministeriais, e agências operacionais de investimento.
Âmbito muito claro de operação para o investimento realizado, que minimiza potenciais sobreposições e ineficiências.
Tem uma estrutura operacional reduzida, de 30 pessoas.
Opera a nível do mercado de capitais finlandês (ao contrário da TEKES e da FINNVERA).
A sua missão é promover o empreendedorismo, inovação, emprego e crescimento económico através de investimentos de capital de risco.
Investem em fundos de capital de risco e diretamente em empresas com grande potencial de crescimento e normalmente em sindicato com outros investidores.

FINNISH VENTURE CAPITAL ASSOCIATION

Objetivos da visita | Conhecer a atividade da Finnish Venture Capital Association (FVCA) e o seu papel no sistema finlandês de apoio à inovação e internacionalização.

Resultados | A FVCA representa as sociedades de capital de risco finlandesas e todas as outras entidades que operam na indústria de capital de risco.
Contribuiu para o desenvolvimento do setor de capital de risco através da regulação

NOVAS SOLUÇÕES DE MICROFINANCIAMENTO PARA A INOVAÇÃO

Resultados dos interesses gerais dos participantes no Mercado, estimulando o comportamento ético dos operadores, promovendo as relações entre sociedades de capital de risco e empreendedores e através da organização de atividades de investigação.

Promove e divulga os casos de sucesso da inovação finlandesa.

A FVCA é membro da EVCA.

ACCELETEAM

Objetivos da visita Conhecer a atividade de uma aceleradora de empresas e o seu papel no sistema finlandês de apoio à inovação e internacionalização.

Resultados A ACCELETEAM é uma pequena aceleradora de empresas, muito focada no apoio a empresas do universo PSW (Portuguese Speaking World) e NRW (Nordic Russia World).

Por vezes para pequenos montantes, o processo de diálogo com as agências é mais difícil e é normalmente longo. A ACCELETEAM auxilia este processo.

Os eventos de pitching organizados pela FVCA são positivos para a indústria de capital de risco e para as agências de desenvolvimento locais.

O papel das ELY Centres (agências de desenvolvimento locais) é essencial porque acabam por facilitar e acelerar os processos de investimento em start-ups.

Poderia haver grande benefício para o sistema de apoio à inovação finlandesa na existência de um ponto único de contacto que articulasse o acesso a todos os apoios disponíveis para empresas nascentes.

6 | FRANÇA

França é um dos países da Europa de maior sucesso no financiamento de microempresas através de soluções diversificadas de microcrédito. Parte da reflexão apresentada resulta de contactos estabelecidos com um especialista da matéria, Georgios Kaloussis que identificou as melhores práticas existentes no país ao nível não só do microcrédito, mas também de plataformas de crowdfunding.

Tal como aconteceu com o caso finlandês, além das reuniões, foi ainda realizada uma pesquisa não exaustiva sobre essas mesmas entidades, o que permitiu cruzar e confirmar a informação transmitida em entrevista pelo referido especialista.



NOVAS SOLUÇÕES DE MICROFINANCIAMENTO PARA A INOVAÇÃO

● Microcrédito

O setor do microcrédito em França é tradicionalmente alvo de uma distinção entre, por um lado, o microcrédito pessoal (cuja definição foi especificada pelo artigo 23º da lei de 1 de julho de 2010 relativo ao crédito ao consumo) destinado a financiar os projetos de inserção profissional e social e, por outro, o microcrédito empresarial que se destina a financiar a criação, compra ou consolidação de pequenas empresas artesanais ou comerciais, permitindo ao seu gestor criar ou consolidar o seu próprio emprego.

Este setor que responde, assim, de forma alargada aos objetivos de inclusão económica, social e financeira das pessoas envolvidas, beneficia de um quadro de garantias públicas executado, nomeadamente, no âmbito do fundo de coesão social (FCS) criado pela lei de 18 Janeiro 2005.

O modelo francês do microcrédito assenta numa diversidade de atores (associações, estabelecimentos de crédito, associações locais, redes de acompanhamento) cuja tipologia ilustra a dimensão ao nível financeiro e social deste instrumento de crédito.

● Adie

A organização de microcrédito Adie, criada em 1989, numa altura em que o desemprego causado pela reestruturação da economia francesa tornou-se um grande problema, com o apoio financeiro de diversas fundações privadas, o governo, o banco de desenvolvimento francesa Caisse des Dépôts et Consignations (CDC) e do programa europeu anti pobreza, disponibiliza microcrédito a particulares socialmente e financeiramente excluídos desde então e com sucesso comprovado.

No final de 2013, a Adie tinha 463 funcionários em 130 agências e trabalhava com mais de 1700 voluntários em toda a França e seus territórios ultramarinos. Esta instituição disponibiliza microcréditos até 6000 euros que através da combinação com fundos de empréstimo público podem alcançar os 11.000 euros por beneficiário.

A Adie tem acesso a fontes de financiamento público e privado. O lado de suporte ao negócio, que é separado do departamento de empréstimos, é dependente de subsídios. A organização coopera com todos os bancos franceses e estabelece parcerias com empresas privadas. A Adie lança, de uma forma constante, programas pilotos para apoiar minorias, como o programa Créajeunes para jovens e um programa vocacionado para as áreas rurais.

Desde a sua criação, a Adie concedeu mais de 93 000 empréstimos, totalizando mais de 255 milhões de euros (Adie, 2010). Juntamente com o financiamento, a organização disponibiliza aos beneficiários amplos serviços de apoio, antes, durante e após a operação de crédito. Isso inclui ações de formação em grupo e uma linha telefónica e de aconselhamento online permanente.

A Adie desenvolveu também um bem-sucedido programa de empréstimo em grupo. Destina-se às pessoas de comunidades de imigrantes (principalmente oriundas do Mali e Senegal) que conservam os seus modos de organização baseadas na solidariedade coletiva. Os empréstimos são concedidos para grupos de quatro pessoas no máximo.

NOVAS SOLUÇÕES DE MICROFINANCIAMENTO PARA A INOVAÇÃO

● **Parcours Confiance**

Outro exemplo interessante em França é o caso da *Parcours Confiance*, que é uma rede criada pelas caixas de poupança do país para promover o microcrédito e favorecer a inclusão bancária, envolvendo como beneficiários pessoas com dificuldades bancárias (recursos fracos ou irregulares, acidentes da vida, etc.) e pequenos empresários que não dispõem de garantias suficientes para ter acesso ao financiamento bancário clássico. Estes serviços incluem nomeadamente:

- Um acompanhamento bancário ou financeiro personalizado dos beneficiários;
- Uma oferta bancária adaptada à concessão de microcréditos pessoais;
- Um acompanhamento pró-ativo do processo de inclusão social do beneficiário ou da criação da empresa.

Foram constituídas parcerias com associações locais com vocação social (sobretudo IPSS) a fim de complementar o acompanhamento bancário do projeto «*Parcours Confiance*» com um acompanhamento social adaptado às necessidades de cada beneficiário.

Os organismos especializados na assistência e acompanhamento em matéria de criação ou recuperação de empresas (como a *France Active*, *Initiative France*, *Le Réseau des Boutiques de Gestion*) contribuem igualmente com o seu “saber-fazer” junto dos empresários beneficiários dos serviços do projeto «*Parcours Confiance*».

● **Finances et Pédagogie**

Outro exemplo interessante é o da “*Finances et Pédagogie*”, em que o apoio pedagógico assume a forma de ateliêrs de formação de empresários de microempresas em matéria de gestão financeira e de relação com a banca, tendo representado, em 2012, perto de 3 000 intervenções e 41 800 pessoas contactadas. Fundada em 1957 pelos bancos de poupança franceses, “*Finances et Pédagogie*” é uma associação líder nas ações de sensibilização e formação no domínio financeiro diretamente junto de pessoas e de organismos de acompanhamento de microcrédito franceses.

● **Crédit Municipal de Paris**

Outro caso a analisar é o do *Crédit Municipal de Paris (CMP)*, uma iniciativa de apoio ao microcrédito de iniciativa municipal e que foi, lançado, em 2008, pelo município de Paris e, em parceria, com a *Caisse des Dépôts et Consignations*.

Trata-se de uma rede de organismos que se associou ao *Crédit Municipal de Paris*, para o acompanhamento dos beneficiários e a instrução dos seus projetos de investimento. Os potenciais beneficiários deste programa são os habitantes da região parisiense de *Île-de-France*. A maturidade do crédito é de 6 meses a três anos (até quatro anos para casos excecionais).



NOVAS SOLUÇÕES DE MICROFINANCIAMENTO PARA A INOVAÇÃO

apresentação à comissão de créditos. Em caso de acordo, o empréstimo é disponibilizado por uma das instituições de crédito parceiras da iniciativa, sendo designado um responsável pelo acompanhamento da operação.

Em 2012, 589 microcréditos foram concedidos por esta via, envolvendo um montante médio de 2 200 euros e uma duração média de reembolso de 33 meses. Os principais beneficiários foram mulheres (52%), com menos de 30 anos. A média de idades dos beneficiários desta modalidade de microcrédito foi de 39 anos e perto de 57% dos beneficiários foram adultos sem pessoas a seu cargo.

Os projetos financiados foram maioritariamente associados à criação ou manutenção do próprio emprego (65,9%), para aquisição de equipamentos (16,3%) ou ainda projetos ligados ao financiamento de despesas de saúde (7,8%) e ao acesso ou à manutenção da habitação permanente (4,9%).

● Instituto de Microcrédito Créa-Sol

Outro caso interessante a analisar é o do Instituto de Microcrédito Créa-Sol (crédito, acompanhamento e solidariedade), que foi criado, em 2005, pela Caisse d'épargne Provence-Alpes-Corse 2010, em parceria com a Caisse d'épargne Côte d'Azur.

O Créa-sol concede microcréditos pessoais e empresariais em cinco regiões francesas (Avignon, Marseille, Nice, Toulon, Saint-Denis de la Réunion), sendo prioritariamente destinados a favorecer a empregabilidade. Em 2012, 701 microcréditos pessoais foram concedidos por esta instituição, envolvendo um montante médio de 2.411 euros. 72% dos beneficiários foram mulheres e a duração média dos empréstimos foi de 33 meses.

O microcrédito empresarial, num montante máximo de 10.000 euros, foi destinado à criação, recuperação ou ao desenvolvimento de empresas com um número máximo de três colaboradores e com menos de cinco anos de existência. A duração máxima de reembolso do empréstimo é de cinco anos. Em 2012, 298 microcréditos empresariais foram concedidos pelo Créa-Sol (198 em 2011) e o número de empregos criados ou mantidos ascendeu a 372, sendo o montante médio por caso de 7.721 euros.

● Mecanismo Nacre

Em 2009, foi lançado pelo governo francês, em parceria com a Caisse des Dépôts et Consignations, o mecanismo Nacre, que visou reforçar o apoio para os problemas de integração de desempregados ou de pessoas que se deparam com dificuldades no emprego sustentável.

O mecanismo foi desenvolvido em três fases (antes, durante e após a criação da empresa), tendo como fator distintivo de outros mecanismos, a possibilidade de apoio à aquisição de empresas existentes:

Fase 1 - suporte para conceber o projeto:

- Finalizar tecnicamente o projecto de criação ou aquisição de empresa, a fim de apresentá-la a terceiros (financiador, parceiros, ...);



NOVAS SOLUÇÕES DE MICROFINANCIAMENTO PARA A INOVAÇÃO

- Estudar as condições de execução do projeto e antecipar as dificuldades;
- Este apoio dura até quatro meses para um projeto de criação de empresa e seis meses para um projecto de recuperação.

Fase 2 - apoio à estruturação financeira de uma micro empresa através de um empréstimo sem juros, que passa por:

- Verificar a relevância económica do plano de negócios e desenvolver o plano de financiamento;
- Orientar o líder do projeto nas suas abordagens para o financiamento junto dos bancos;
- Conceder ao líder do projeto um empréstimo à taxa zero (entre 1.000 a 10.000 euros por um período máximo de cinco anos), obrigatoriamente associado a um empréstimo bancário (ou similar) cujo montante e a duração devem ser maiores ou iguais às do empréstimo à taxa zero.

Esta fase tem a duração de quatro meses no máximo para um projeto de criação de empresa e seis meses para um de recuperação de empresa.

Fase 3 - apoio no arranque e desenvolvimento ou aquisição da empresa, permitindo ao promotor:

- Ter acesso, a todo o momento, a um suporte técnico que possa responder a perguntas relacionadas com o arranque e desenvolvimento da sua atividade;
- Antecipar eventuais dificuldades financeiras;
- Ser apoiado nas opções de desenvolvimento futuro da empresa.

Esta fase tem um máximo de três anos, para projetos de criação e/ou aquisição/recuperação de empresas.

O mecanismo Nacre envolveu, em 2012, empréstimos diretos no montante de 14 milhões de euros, para garantir microfinanciamentos num montante de 58 milhões de euros. Nesse ano foram concedidos 10 320 empréstimos, por um montante médio de 5.687 euros, associados a novos empréstimos de 39.667 euros, o que representa um fator de alavancagem de 1 para 7.

● **Cap'Développement**

Cap'Développement é outra iniciativa interessante, lançada pela France Active para facilitar o desenvolvimento inicial das pequenas empresas. Este novo mecanismo está disponível para qualquer empresa com menos de cinco anos de existência, desde que promotora de projetos de desenvolvimento com potencial e gerador de emprego. Trata-se de um mecanismo orientado para empresas nascentes, até 20.000 euros de montante de crédito, prevendo apoio especializado na monitorização do projeto em articulação com os promotores. Este programa está implantado nos territórios do Yonne, Alsace, Auvergne e Yvelines, devendo ser alargado nos próximos anos a outros como Drome, Savoie e Haute-Savoie, nas regiões Centre e Pays de la Loire.



NOVAS SOLUÇÕES DE MICROFINANCIAMENTO PARA A INOVAÇÃO

● Initiative France

A Initiative France é um empréstimo sem garantia e sem juros, concedido a pessoas e não a empresas. Envolve um montante entre 500 e 25.000 euros por beneficiário, sendo concedidos por um período de dois a cinco anos, com a possibilidade de pagamento diferido até 18 meses, servindo para os beneficiários investirem em projetos economicamente ambiciosos e associados a causas sociais, ambientais, com boas perspectivas de crescimento. Este empréstimo é disponibilizado por via de uma plataforma “online”.

Este mecanismo é financiado por um fundo específico, reforçado com contribuições e poupanças de solidariedade de colaboradores de empresas, tal como se de uma contribuição para um fundo de pensões ou para um sindicato se tratasse. Até ao final de 2013, esta iniciativa tinha já angariado por esta via 4,5 milhões de euros.

A iniciativa France Le Parrainage é um bom exemplo do apoio a estilistas e empresários do mundo da moda gerido pela plataforma Initiative France. O apoio é prestado de forma voluntária aos beneficiários por empresários ou executivos experientes da indústria da moda, ativos ou recentemente aposentados, ajudando-os a identificar os problemas e a encontrar soluções. O apoio é, assim, baseado num relacionamento pessoal com um empresário experiente (via processo de mentoring), permitindo que o promotor do projeto, regra geral jovem empreendedor, possa usufruir de experiência profissional e aconselhamento gratuito.

Só em 2012, 4.450 mentores ajudaram 8.325 jovens empreendedores ao abrigo deste programa, que é suportado numa plataforma online de ferramentas que auxilia o recrutamento, acolhimento e orientação dos beneficiários pelos seus mentores e a implementação de ações destinadas a partilhar as melhores práticas entre os aderentes ao programa.

O desenvolvimento do quadro legal em França ao longo dos últimos 10 anos teve uma influência muito favorável no setor de microcrédito.

Desde 2001 que instituições não-bancárias estão autorizadas a contrair empréstimos para financiar pessoas desfavorecidas, como vimos atrás e, também, para financiar empresas até três funcionários e até cinco anos após a criação, bem como para projetos de integração social (por exemplo, financiando a obtenção de licença de motorista para encontrar um emprego). Esta autorização, sujeita a controlos regulares, é válida por um período de tempo indeterminado e concedida pelo governo francês.

Desde 2007, as instituições financeiras não bancárias em França também podem recorrer a empréstimos sem juros de duração de até dois anos concedidos por indivíduos ou mecenas.

Além dessas fontes de financiamento, as instituições financeiras não-bancárias podem financiar seus recursos de crédito recorrendo a empréstimos públicos e fundos próprios. Além disso, estas instituições (na sua maioria ONG) podem recorrer a fundos comunitários (em especial oriundos do fundo social europeu e da iniciativa Progress ao financiamento de empresas privadas, doações de indivíduos, bem como as receitas geradas pelas taxas de juros sobre os créditos, o que confere muita flexibilidade à sustentabilidade dos sistemas privados de microcrédito franceses.

NOVAS SOLUÇÕES DE MICROFINANCIAMENTO PARA A INOVAÇÃO

● Crowdfunding em França

Em França existem dois tipos de plataformas de crowdfunding em funcionamento:

- Plataformas de financiamento de projetos (idênticas às existentes em Portugal);
- Plataformas de angariação de capital próprio ("equity crowdfunding").

Apresentam-se no quadro seguinte os aspetos essenciais que caracterizam as principais plataformas de crowdfunding de projetos a operar no país:

Plataformas de crowdfunding (projectos)					
Nome	Data de criação	Orientação	Valor de projetos financiados	Custo	% de sucesso
Buld in town	Jan-13	Comércio e associações comerciais	220 000 euros para 70 projetos	Entre 5% e 9% do montante financiado + 3% a 3,4% de fee de subscrição	78%
KisskissBankbank	2009	Presente em 38 países, financia projetos de música, cinema e arte	12,5 M para 6400 projetos	5% + 3% despesas	54%
Mymajor company	2007	Generalista	13 M de doações por 70 000 membros	10% comissão	NA
Touscoprod	2009	Projetos de cinema	2,8 M para 253 filmes	10% comissão	52%
Ulule	2010	Projetos inovadores	12,85M para 3800 projetos em 154 países	2% a 8% comissão	66%

Fonte: Georges Kaloussis

Plataformas de crowdfunding (equity)						
Nome	Data de criação	Tipo de investimento	Orientação	Montante angariado	Custo	% de sucesso
Anaxago	Jul-05	Investimento direto	Investimento mínimo: 1.000€	2,6 M	5% fee de subscrição + 500 euros	78%
Financeutile	2010	Através de holding	Investimento mínimo: 1.500€	5M para 23 PME	4% a 7,7% comissão+ 350 euros	96%
Happycapital	2013	Investimento direto	Investimento mínimo: 1.000€ para projetos até 1M euros	340.000 euros para 3 projetos	5% comissão do investidor + 5% do promotor em caso de sucesso	50%
Particeep	2013	Investimento direto	Entre 30.000 e 5M euros	340.000 euros para 3 projetos	1% comissão do investidor + 5% do promotor em caso de sucesso	60%
Smartangels	2012	Investimento direto	Entre 200.000 € e 2M euros	2,6 M para 6 projetos	0,5% a 5% comissão do investidor + 6% do promotor em caso de sucesso	66%
Wiseed	2008	Através de holding	PME inovadoras	6,6 M para 35 startups	5% a 10% comissão + 1500 euros em caso de sucesso	90%

Fonte: Georges Kaloussis

NOVAS SOLUÇÕES DE MICROFINANCIAMENTO PARA A INOVAÇÃO

7 | CONCLUSÕES DO EXERCÍCIO DE BENCHMARKING

De uma forma geral, os países estudados apresentam práticas interessantes para a dinâmica do microfinanciamento à inovação e com "lessons learned" importantes para o caso português.

O Brasil, através da iniciativa "Brasil+Competitivo" e Israel, por via do seu sistema nacional integrado de apoio à inovação, destacam-se na articulação de esforços de entidades públicas e privadas na oferta conjugada e articulada de mecanismos vocacionados para o microfinanciamento e, em particular, para a inovação, evidenciando-se o empenho do estado na implementação de políticas públicas de apoio a microempresas, empreendedores e empresas inovadoras, com impacto na geração de riqueza para o país em causa.

O caso de França destaca-se pela orientação dos instrumentos e entidades promotoras de microcrédito para a área social, com resultados interessantes no impacto desta modalidade de financiamento na redução da exclusão social e pobreza no país. Os casos de crowdfunding neste país são também relevantes pela diversidade e tipologia de projetos que apoiam.

Espanha, por seu turno, por ter centralizado a dinamização do sistema de microcrédito nas instituições financeiras, acabou por ver o sistema afetado negativamente pela crise financeira dos últimos anos, com impacto negativo na redução significativa do microcrédito concedido a empreendedores e microempresários, no menor enfoque deste tipo de instrumento no apoio social aos beneficiários e logo na consequente redução do nível de emprego claramente uma "lesson learned" a este nível.

Os EUA apresentam-se como um país com características empreendedoras únicas e onde o microcrédito e o crowdfunding se encontram largamente disseminados por todo o país, funcionando de uma forma sustentada (tal como um negócio normal de natureza financeira se trate) e independente do setor público. Daí o enfoque nos modelos de análise de risco de projetos e empreendedores como boas prática a seguir. Destaque-se também no EUA a boa prática do Small Business Administration, como entidade pública por excelência que tem como função suportar os operadores de crédito e capital de risco orientados para apoiar projetos e empresas de menor dimensão, através de esquemas de garantia e dinamização de fundos de fundos.

No entanto, dos países estudados, o caso finlandês revelou-se particularmente interessante. Efetivamente, o sistema de apoio à inovação, crescimento e internacionalização finlandês tem produzido bons resultados ao nível da criação de empresas altamente inovadoras, de crescimento muito rápido e com capacidade de afirmação no mercado global. Este tem sido o resultado de uma colaboração conjunta, em vários domínios, desde o plano político, instituições de investigação e de ensino e também a nível empresarial. A Finlândia emerge hoje com um dos principais centros de inovação europeus resultado da orientação de política pública para a educação, investigação e criação de um ambiente favorável para a tomada de riscos por parte dos agentes públicos.

Na base da criação deste ambiente favorável à inovação, criação de novas empresas, empreendedorismo, estímulo à exportação e internacionalização da economia, está uma estratégia de política pública cuja implementação a nível dos instrumentos de financiamento que sustentam o crescimento das empresas, assenta em fatores críticos de sucesso como:



NOVAS SOLUÇÕES DE MICROFINANCIAMENTO PARA A INOVAÇÃO

- Critérios de seleção de investimentos ao nível das agências públicas de investimentos alinhadas com as orientações estratégicas de investimento decididas a nível ministerial e aprovadas no parlamento finlandês;
- Participação das agências públicas de investimento na definição da estratégia de apoio à inovação, crescimento e internacionalização o que promove a sua implementação e execução;
- Cada agência pública de financiamento tem o seu âmbito e missão claramente definida em termos dos tipos de instrumentos financeiros que deverão desenvolver, o perfil das empresas com que deverão colaborar, o nível de risco que deverão assumir, a dimensão de investimento a assumirem, ou os setores que deverão preferencialmente desenvolver;
- Capacitação de recursos significativa das agências de investimento em termos de know-how de indústria e de investimento;
- Orientação das agências públicas de investimento para colmatarem falhas de mercado de financiamento ao nível dos segmentos seed e early stage;
- Especialização da atuação de duas agências por instrumentos especializado (Tekes, Finnvera e Finnish Industry Investments) que, para responderem a este problema, estão a ajustar a sua atividade tanto a nível de tipologia de riscos e mecanismos de controlo de projetos que adotam, como na otimização da sua capacidade de investimento para responderem a este problema (Tekes – incentivos; Finnvera – empréstimos e business angels; Finnish Industry Investments – capital de risco formal);
- Objetivos de impacto social incluídos nos critérios de investimento de cada agência de investimento. Embora tenham fins lucrativos claros, alguns investimentos são também aprovados levando em consideração os efeitos indiretos que têm na economia finlandesa nomeadamente ao nível da criação de postos de trabalho e desenvolvimento de áreas mais remotas do país;
- Coordenação das principais agências de investimento para garantir o fluxo de financiamento necessário a levar as empresas desde a prova de conceito até à fase de expansão internacional;
- Constituição de novos fundos em co-investimento com privados finlandeses e internacionais para atrair capital internacional, expandir redes de relacionamento e conhecimento e sinalizar a Finlândia como pólo de inovação a nível mundial;
- Organização de eventos de divulgação mundial de start-ups (como por exemplo, “Slush”) que permitem divulgar o talento empresarial e tecnológico finlandês à comunidade internacional de investidores, empresas, media e parceiros;
- Existência de programas de aceleração (como por exemplo o “VIGO Accelerators”) lançado pelo ministério do emprego e economia para complementar o sistema de inovação finlandês e que têm como objetivo facilitar a ligação entre as empresas de TI em fase de crescimento e fontes e financiamento internacional de capital de risco através do acesso a mentoring de empreendedores experientes e bem sucedidos no lançamento de novas empresas.



ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA
CCI - CÂMARA DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA

www.aip.pt
Praça das Indústrias
1300-307 Lisboa

